

# SABER VER O TEATRO: ANÁLISE ARQUITETÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE-PB.

**KNOWING HOW TO SEE THE THEATER:**  
ARCHITECTURAL ANALYSIS OF THE MUNICIPAL THEATER OF CAMPINA GRANDE-PB.

**SABER VER EL TEATRO:**  
ANÁLISIS ARQUITECTÓNICO DEL TEATRO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE-PB.

**DINIZ, DIEGO**

Arquiteto e Urbanista. Mestre em Projeto de Arquitetura. PPGAU/UFPB [diego.claudino@academico.ufpb.br](mailto:diego.claudino@academico.ufpb.br)

## RESUMO

Este artigo visa apresentar parte dos resultados e discussões decorrentes de trabalho de conclusão de curso, defendido em 2020 no CAU-UFCG, acerca do Teatro Municipal Severino Cabral. Projetado em 1962 por Geraldino Duda em Campina Grande, agreste Paraibano, no centro da cidade e às margens da Avenida Floriano Peixoto, o Teatro foi concebido como resposta aos anseios campinense de modernidade, progresso e cultura. O procedimento metodológico segue a análise das Dimensões da Arquitetônica proposta por AFONSO (2019), que consiste em analisar o objeto arquitetônico em sete dimensões: dimensão normativa, dimensão histórica, dimensão espacial, dimensão tectônica, dimensão funcional, dimensão formal, e dimensão da conservação, de modo a elaborar uma anamnese do objeto arquitetônico construído, contribuindo para a pesquisa e documentação da arquitetura moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura moderna; análise arquitetônica; Campina Grande; Paraíba.

## ABSTRACT

This article aims to present part of the results and discussions arising from the course completion work, defended in 2020 at CAU-UFCG, about the Severino Cabral Municipal Theater. Designed in 1962 by Geraldino Duda in Campina Grande, agreste Paraibano, in the center of the city and on the banks of Avenida Floriano Peixoto, the theater was conceived as a response to Campinas' yearnings for modernity, progress and culture. The methodological procedure follows the analysis of the Dimensions of Architecture proposed by AFONSO (2019), which consists of analyzing the architectural object in seven dimensions: normative dimension, historical dimension, spatial dimension, tectonic dimension, functional dimension, formal dimension, and conservation dimension, in order to elaborate an anamnesis of the architectural object built, contributing to the research and documentation of modern architecture.

**KEYWORDS:** modern architecture; architectural analysis; Campina Grande; Paraíba.

## RESUMEN

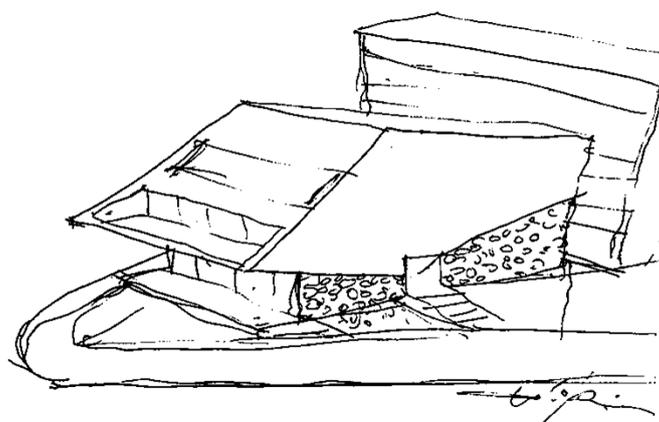
Este artículo pretende presentar parte de los resultados y discusiones surgidos del trabajo de fin de curso, defendido en 2020 en el CAU-UFCG, sobre el Teatro Municipal Severino Cabral. Proyectado en 1962 por Geraldino Duda en Campina Grande, agreste Paraibano, en el centro de la ciudad y a orillas de la Avenida Floriano Peixoto, el teatro fue concebido como respuesta al deseo de modernidad, progreso y cultura de Campina Grande. El procedimiento metodológico sigue el análisis de las Dimensiones de la Arquitectura propuesto por AFONSO (2019), que consiste en analizar el objeto arquitectónico en siete dimensiones: dimensión normativa, dimensión histórica, dimensión espacial, dimensión tectónica, dimensión funcional, dimensión formal y dimensión de conservación, con el fin de elaborar una anamnesis del objeto arquitectónico construido, contribuyendo a la investigación y documentación de la arquitectura moderna.

**PALABRAS CLAVE:** arquitectura moderna; análisis arquitectónica; Campina Grande; Paraíba.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como fim apresentar parte dos resultados do trabalho de conclusão de curso desenvolvido no CAU-UFCG em 2020<sup>1</sup>, com foco na análise arquitetônica do Teatro Municipal Severino Cabral construído em Campina Grande-PB na década de 1960, que faz parte da paisagem da cidade e do cenário cultural, de tal maneira que, foi reconhecido pelo IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), em 2004, como bem de valor cultural. Sua execução ocorre em um cenário de industrialização, progresso e crescimento econômico, considerada uma das obras mais significativas e de vasta repercussão em relação aos padrões da época segundo QUEIROZ e ROCHA (2007), permanecendo, na contemporaneidade, como um símbolo, um “monumento” da arquitetura moderna campinense, como expressa Geraldino Duda em entrevista: “O teatro tem que ser um monumento à arte, a todas as artes”.

Figura 1. Croqui do Teatro Municipal Severino Cabral por Geraldino Duda no dia 25.11.2019.



Fonte: Autor, 2019.

O aporte metodológico adotado segue a linha de estudo que se trata da compreensão do objeto por meio da análise arquitetônica, proposta por AFONSO (2019), onde a autora traz um compilado de metodologias que resultam nas sete dimensões da arquitetura. Essas dimensões se subdividem em duas partes: contextualização (dimensão normativa, dimensão histórica e espacial — espaço externo e espaço interno) e caracterização (dimensão tectônica, dimensão funcional, dimensão formal e dimensão da conservação).

A primeira dimensão de análise trata-se da dimensão normativa, que compreende as leis, decretos e registros que protegem determinado bem, sendo assim, fundamental a pesquisa realizada em órgãos públicos, que estejam ligados à preservação cultural, seja ao nível municipal, estadual ou federal. A dimensão histórica está relacionada ao tempo, recorte temporal, contexto social, econômico e cultural do objeto arquitetônico, onde devem ser feitas análises de diversos fatores associados à época estudada: sobre o projeto, a obra, os clientes e custos.

A dimensão espacial compreende o espaço externo e o espaço interno. No espaço externo é observado a relação com o lugar, o entorno, implantação do edifício no terreno (recuos, acessos, vegetação, topografia e solo); gabarito da área e a zona urbana, enquanto o espaço interno é observado as soluções do programa de necessidades em plantas, zoneamentos, fluxogramas, relações entre zonas, existência de pátios, jardins, varandas, etc.

Para conceituação da dimensão tectônica AFONSO (2019) traz como aporte teórico a conceituação de FRAMPTON (1995), referente a definição de tectônica como “arte da construção”, no sentido de ser o caráter essencial da arquitetura, que unifica concepção e construção. Na análise da tectônica devem ser considerados os seguintes pontos: 1) Estruturas de suporte; 2) Paredes; 3) Coberturas; 4) Detalhes; e 5) Revestimentos.

A dimensão funcional dialoga com a dimensão formal, estreitando um paralelo entre forma e função. Essa dimensão trata-se das soluções do programa em planta e zoneamento, onde é importante observar o uso original da obra, as alterações de usos ocorridas e o uso atual da edificação. A dimensão formal, conceitua forma, a estrutura essencial interna, a construção do espaço e da matéria. Está relacionada no diálogo entre o programa, o lugar, a estrutura e os materiais, resultando, segundo MAHFUZ (2004), na forma pertinente. O último item é a dimensão da conservação, que apresenta uma fase conclusiva das análises do objeto em estudo, e que para isso, tem como subsídio metodologias específicas da área da preservação patrimonial. Esta última, compreende vistorias, produção fichas de

identificação de danos de (FID's), e mapas de danos a partir da compreensão das anomalias, materiais e soluções construtivas empregadas na obra. Para isso, baseia-se nos métodos desenvolvidos por LICHENSTEIN (1986) e TINOCO (2009). LICHENSTEIN (1986) propõe procedimentos para serem aplicados em edifícios que apresentam problemas patológicos. Esses procedimentos dividem-se em três etapas: 1) levantamento de subsídios a partir de vistorias em loco, levantamento da história do problema (anamnese), resultado de análises e ensaios complementares; 2) diagnóstico da situação, que busca entender os porquês conforme os dados obtidos; e 3) Definição de condutas, onde seriam prescritos os trabalhos a serem executados para resolver os problemas.

Colaborando nessa discussão, TINOCO (2009) propõe recomendações básicas para elaboração de mapas de danos e procedimentos técnicos para realização de FID's, a serem aplicadas em edificações de significação cultural, revelando a importância de saber sobre o edifício, e para isso, seria necessário experimentar o lugar, sentir o ambiente interno e externo, os elementos e materiais.

Para a elaboração do mapa de danos é necessário a produção de uma base de dados. Essa base é constituída pelas Fichas de Identificação de Danos — FID's. As fichas são documentos normalizados com registros e anotações gráficas e fotográficas (unidades de informação) sobre os danos existentes numa edificação, sendo, portanto, os registros principais para a produção do mapa de danos de uma edificação de valor cultural (TINOCO, 2009, p.04)

No Quadro 1, de forma sucinta, é possível observar pontualmente as principais características de cada dimensão, para análise do objeto arquitetônico.

Quadro 1. Análise das dimensões do Teatro Municipal Severino Cabral por Geraldino Duda no dia 25.11.2019.

DIMENSÃO NORMATIVA	Leis, decretos, registros;
DIMENSÃO HISTÓRICA	Tempo, recorte temporal, corte cronológico ou contexto social, econômico e cultural;
DIMENSÃO ESPACIAL	Externo: lugar, entorno, implantação, gabarito, zona;
	Interno: solução do programa de necessidades, zoneamento, fluxograma, zonas, espaços;
DIMENSÃO TECTÔNICA	Caráter essencial da arquitetura – concepção e construção, dimensão construtiva;
DIMENSÃO FUNCIONAL	Uso original, transformações ocorridas e o uso atual da edificação, soluções de programa e zoneamento;
DIMENSÃO FORMAL	Forma – construção do espaço e da matéria;
DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO	Análise do estado de conservação; esses aspectos possibilitam um panorama geral da completude arquitetural do objeto analisado, fornecendo subsídios que viabilizando uma intervenção consciente.

Fonte: Autor, 2020.

## ANÁLISE ARQUITETÔNICA: VENDO O TEATRO EM SUAS DIMENSÕES

### DIMENSÃO NORMATIVA

O TMSC localiza-se próximo à demarcação do centro histórico de Campina Grande (Figura 2), tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), conforme o “Dec.25.139 de 29 jun. 2004”. Fato esse, que torna mais relevante sua implantação na paisagem do centro da cidade. Devido seu valor cultural e arquitetônico, possui notificação de cadastramento n.º 0009/20013, pelo IPHAEP, que o protege contra demolições, reformas ou quaisquer modificações externas e internas, que venham danificá-lo ou descaracterizá-lo.

Segundo o Plano Diretor de Campina Grande, Lei complementar n.º 003, de 9 de outubro de 2006, o Teatro está inserido na “zona de qualificação urbana”, onde a mesma caracteriza-se por usos múltiplos, visando ordenar o adensamento construtivo, evitar a saturação do sistema viário e ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, espaços verdes e de lazer. Ainda segundo tal Lei complementar, são objetivos da política municipal do patrimônio cultural, garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com a edificação, além de estabelecer e consolidar a gestão participativa do patrimônio cultural. Deve-se também observar as normatizações estabelecidas pelo Código de Obras de Campina Grande, Lei n.º 5410/135, pelo qual o TMSC classifica-se em “usos especiais”. Essa categoria estabelece uma série de normativas para edificações destinadas à local de reuniões de pessoas, como auditórios, cinemas e teatros.

Figura 2. Mapa de entorno do TMSC



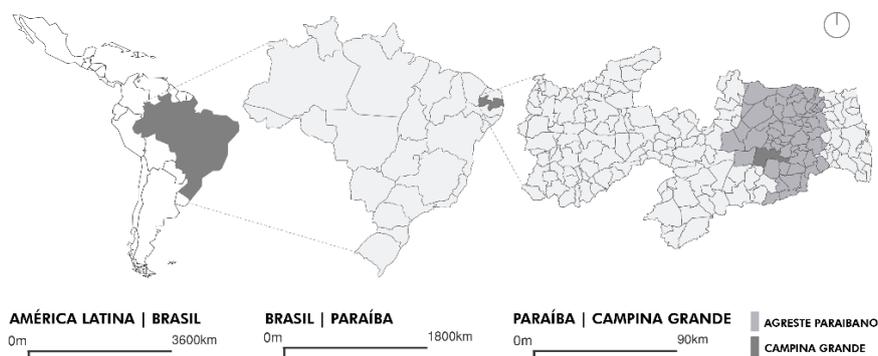
Fonte: Diego Diniz, 2020.

## DIMENSÃO HISTÓRICA

Esta dimensão de análise referente a história do edifício foi dividida em três partes relacionadas ao objeto arquitetônico: o lugar — Campina Grande-PB; o personagem — Geraldino Duda; e a obra — Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC), com a intenção de expor não só o objeto construído, mas também interpor o ambiente e os envolvidos no processo de construção.

Assim, observando o TMSC lidamos com a dimensão histórica do lugar, a cidade a qual o objeto de estudo está inserido. Campina Grande, localiza-se no nordeste brasileiro, agreste paraibano, a 120 km da capital João Pessoa (Figura 3). É atualmente a segunda cidade mais populosa da Paraíba, com 400 mil habitantes. Por sua localização estratégica, exerce forte influência educacional, cultural e comercial à sua Região Metropolitana (Lei Complementar Estadual n.º 92/2009), que inclui 19 municípios paraibanos, chegando a influenciar também, em outros níveis, as capitais João Pessoa, Recife e Natal. Em 1907, com a implantação do terminal ferroviário, houve um grande impulso econômico devido à produção algodoeira, chegando a ser a segunda maior exportadora de algodão do mundo até 1940 (AFONSO e GARCIA, 2018). Isso fez com que a cidade se desenvolvesse industrialmente, sediando em 1949 a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba — FIEP. Logo em seguida, na década de 1950, observam-se os esforços da elite campinense rumo ao desenvolvimento e ao progresso, influenciada por notícias como a construção de Brasília (AFONSO e GARCIA, 2018).

Figura 3. Mapa de localização de Campina Grande-PB.



Fonte: Diego Diniz, 2020.

Em 1959, ocorre a expansão dos serviços ferroviários, enquanto se comemorava cinquenta anos da chegada do trem na cidade. Esse cenário de expansão estimulou a construção da Estação Ferroviária Nova em 1961 (AFONSO e

GARCIA, 2018). Ainda na década de 1960, Campina Grande recebe incentivos fiscais da SUDENE<sup>2</sup>, acarretando um forte processo de desenvolvimento industrial com a instalação de diversas fábricas. Isso ocasiona um grande crescimento econômico que possibilita muitos profissionais, como arquitetos, principalmente de Recife-PE, virem para a cidade (AFONSO, 2017).

### ***Geraldino Duda***

Em março de 1935, nasce em Campina Grande, Geraldino Pereira Duda (Figura 4), filho de Antônio Pereira Duda e Vitalina Pereira Lima. Durante sua infância morou em diversas cidades do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Geraldino começa a trabalhar aos nove anos em uma fábrica de tecidos, e posteriormente em uma oficina mecânica. Com 15 anos, inicia no ofício de desenhista no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa, devido grande incentivo do amigo fotógrafo Sóter Farias, ao perceber suas habilidades com tal atividade. Logo, ele se destaca devido essa aptidão, vindo a despertar grande interesse na atuação como projetista. Posteriormente, no período em que trabalhava no Departamento de Urbanismo (DPU), da Prefeitura de Campina Grande, recebe a incumbência de projetar o Teatro Municipal (1962).

Conjuntamente a sua atuação profissional, como meio de capacitação, Geraldino recorre à cursos oferecidos por correspondência de “desenho arquitetônico” do Instituto Monitor, como relata ALMEIDA (2015). Na década de 1970, após alguns anos atuando como desenhista, gradua-se em engenharia civil na Escola Politécnica de Campina Grande, atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e logo em seguida, contribui no desenvolvimento de diversos projetos urbanos, como a Praça do Trabalho e o traçado urbano do bairro da Prata.

Também foi responsável pela autoria de cerca de 300 residências, predominantemente com linguagem moderna, que eram divulgadas em jornais e revistas locais. Uma delas, inclusive, foi publicada na *Cruzeiro*, revista de circulação nacional (MENESES, 2017).

Figura 4. Geraldino Duda desenhando um croqui do Teatro Municipal.



Fonte: Diego Diniz, 2019.

### ***Teatro Municipal Severino Cabral***

Na Figura 5 é apresentada uma linha do tempo histórica do TMS, que inicia no contexto de desenvolvimento econômico local, com a instalação do primeiro terminal rodoviário de Campina Grande em 1907, passando pelo nascimento de Geraldino Duda (1935), a instalação da FIEP (1949) e a inauguração do segundo terminal ferroviário de Campina Grande (1959) — a “Estação Nova”. É nesse contexto de opulência econômica vivenciada em várias cidades brasileiras, que inaugura em 1960, Brasília — a capital do Brasil. Influenciado por Oscar Niemeyer, após visitar a recém-inaugurada Brasília, Geraldino Duda torna-se gradativamente, adepto aos princípios da modernidade.

Figura 5. Geraldino Duda desenhando um croqui do Teatro Municipal.



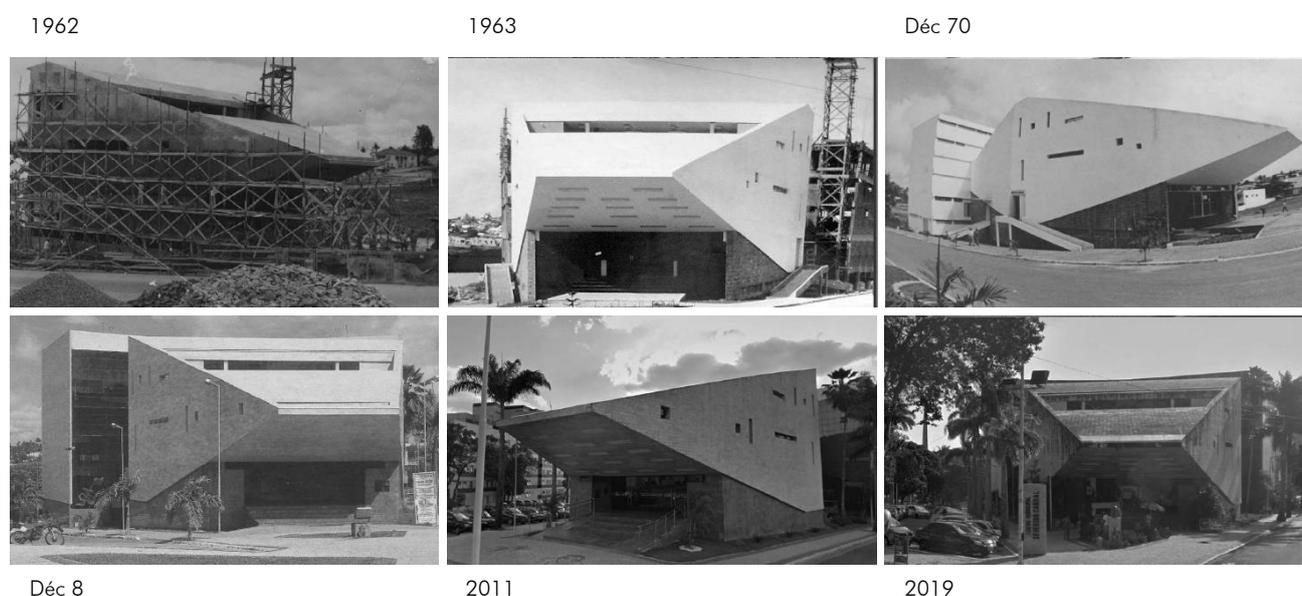
Fonte: Autor, 2020.

Em 1962, o então prefeito de Campina Grande, Severino Cabral Ribeiro, encomenda aos técnicos da Prefeitura Municipal o projeto de um teatro, o qual é parcialmente inaugurado em 1963. O projeto ficou ao encargo de Geraldino Duda e do engenheiro calculista Lynaldo Cavalcante, sendo executado pela Construtora G. Gióia & Cia de Campina Grande, e fiscalizado pelo engenheiro Moutinho. Todo o tratamento acústico e mobiliário foi executado pela empresa Kastrup da cidade de Recife.

Desde sua inauguração, ocorreram três reformas: a primeira em 1975, no mandato do prefeito Evaldo Cruz, onde foi construído o Mini Teatro Paulo Pontes; a segunda em 1988, pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima, que realiza uma reforma de grande proporção, acarretando alterações de elementos externos e “modernização” dos espaços internos; e por fim, a terceira e última reforma que ocorre entre 2009 e 2011, na gestão do prefeito Veneziano Vital, com foco na adaptações à acessibilidade e normatizações de segurança contra incêndios.

A Figura 6 é composta por seis imagens do TMSC onde percebemos as mudanças que foram ocorrendo nas fachadas do edifício, desde sua construção em 1962, sejam consequências das reformas ocorridas, ou pelas manifestações patológicas. Essas imagens representam visualmente às incorporações e pátinas que narram a história do edifício ao longo de mais de cinco décadas.

Figura 6. Geraldino Duda desenhando um croqui do Teatro Municipal.



Fonte: Autor, 2020.

## DIMENSÃO ESPACIAL

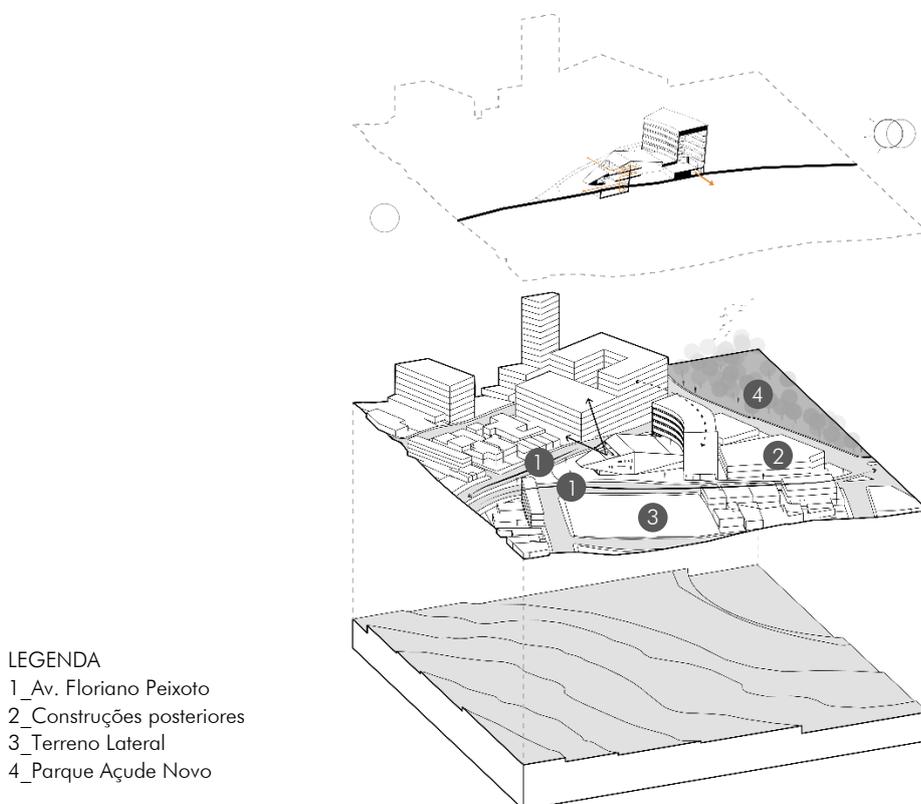
### *Dimensão espacial externa*

O TMSC localiza-se no Bairro Centro de Campina Grande, que possui população de cerca de 7.527 habitantes, conforme o Censo de 2010. Sendo 385.213 habitantes municipais. Faz limite com os seguintes bairros: Conceição, Lauritzen, Jardim Tavares, Santo Antônio, José Pinheiro, Catolé, São José, Prata, Monte Santo e Palmeira. Segundo o Mapa de Uso do Solo da SEPLAN (Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência de Campina Grande) de 2010, o Bairro Centro possui uso misto, sendo predominantemente comércio/serviço e residencial.

Está implantado em um terreno de forma trapezoidal com declive no sentido Leste-Oeste, de seis metros. Sua implantação faz limite norte com a Av. Dom Pedro II; ao sul com o estacionamento do TMSC e a Av. Floriano Peixoto — que corta a cidade em uma diagonal noroeste — nordeste; ao leste, uma pequena praça, com monumento em homenagem ao prefeito Severino Cabral, e o canteiro que divide os dois sentidos da Av. Floriano Peixoto. O edifício faz limite oeste com algumas construções de uso comercial, podendo ser vistos como “elementos parasitários”, à medida que obstruem a relação do edifício com a cidade, assim como a visualização da sua fachada oeste, composta por um grande painel de azulejo.

Em um raio de 500 metros existem alguns equipamentos importantes, como, por exemplo, o conjunto do Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), projetado na década de 1970 pelo arquiteto pernambucano Renato Azevedo. Esse conjunto é composto pelo traçado urbano do parque, a Secretaria de Cultura de Campina Grande (SECULT) e um obelisco, além do Parque do Povo, o Centro Cultural Lourdes Ramalho, e o Terminal de Integração. Este último foi implantado de forma equivocada, bloqueando visualmente e fisicamente o acesso ao conjunto. Além disso, o teatro está próximo do Centro Histórico de Campina Grande, sendo composta por praças, museus e edificações, predominantemente no estilo *Art decó*.

Figura 7. Esquema dimensão espacial externa.



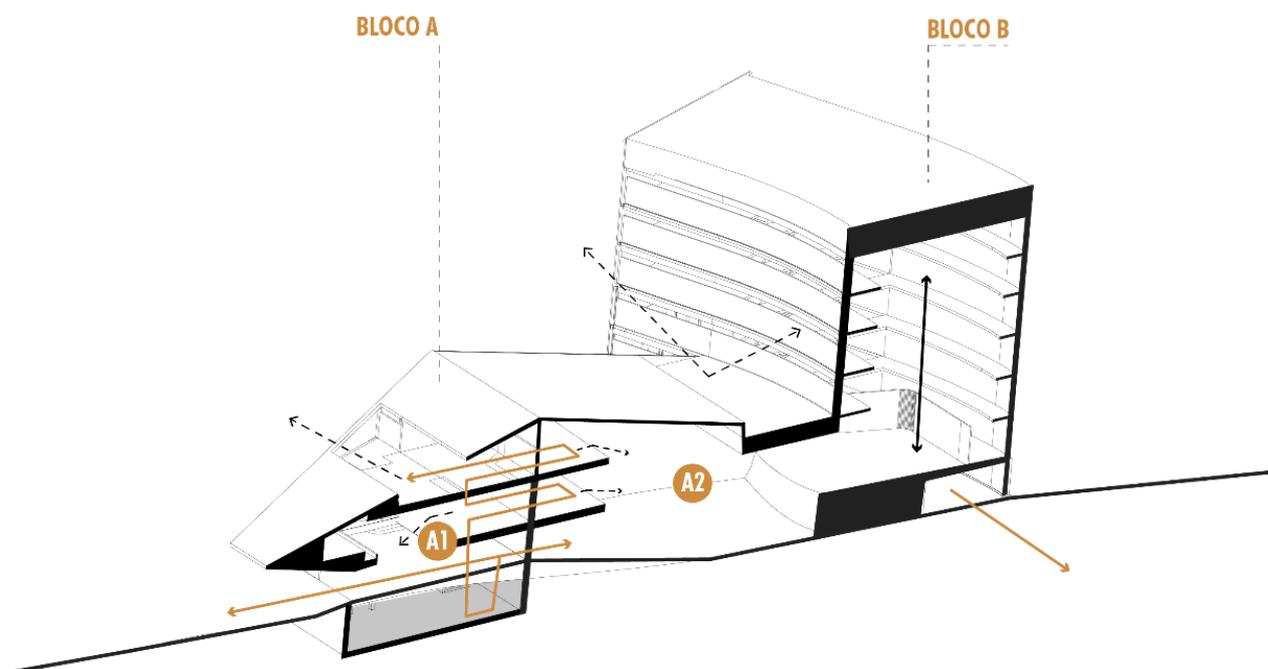
Fonte: Autor, 2020

### Dimensão espacial interna

Com área construída de 5.404,9 m<sup>2</sup>, proposta inicialmente, o TMSC possui estrutura formal composta por dois volumes principais. Como método de análise dos espaços internos, e para melhor descrição do projeto, o edifício foi seccionado em duas partes principais: “bloco A” e “bloco B”. O “bloco A” divide-se em: “setor A1”, onde estão distribuídos os espaços de apoio para os espectadores; e o “setor A2”, que corresponde aos espaços principais de contemplação. O “bloco B” possui sete pavimentos, nele estão setorizados os espaços de administração, apoio aos artistas, palco principal, áreas técnicas e de serviços (Figura 8).

O “setor A1” do “Bloco A”, divide-se em quatro pavimentos, sendo um deles, no subsolo. O primeiro pavimento abriga um bar/restaurante com depósito, cozinha, área de serviços, sanitário masculino, sanitário feminino e um sanitário de serviço. O segundo pavimento compreende o foyer principal com um mezanino, que proporciona uma amplitude a esse espaço de entrada, e onde são distribuídos os acessos para os demais pavimentos por duas escadas, assim como, o acesso à sala principal do teatro. No terceiro pavimento, encontra-se um banheiro masculino e outro feminino; e um escritório com depósito e sala de imprensa — que possui dois sanitários. É nesse pavimento que também se tem o acesso aos camarotes. Por fim, o quarto pavimento é contemplado com um bar, um jardim aberto — com vista para cidade, sanitário masculino e feminino, além do acesso para à galeria.

Figura 8. Esquema dimensão espacial interna.



Fonte: Autor, 2020

O “setor A2” compreende o espaço principal do teatro — a plateia — com pé-direito triplo, além dos camarotes e a galeria. O “bloco B”, posicionado em um eixo em “semicírculo”, divide-se em sete pavimentos. O primeiro pavimento contempla circulação pública norte-sul, tipo pilotis, aberto à cidade (projeto original). Nesse pavimento, também está setorizado a administração com sala de espera, secretaria, diretoria e sanitários; e, sala de oficina com depósito, casa de máquinas, vestiário para empregados, guaritas, almoxarifado, direção artística, acesso para orquestra e dois depósitos. Todos os pavimentos do “bloco B” possuem dois núcleos de circulação vertical, compostas por elevador e escada, assim como um hall de circulação, sendo o primeiro pavimento, guaritas de controle ao acesso. Logo acima, no segundo pavimento, localiza-se o palco principal. O mesmo espaço do palco se prolonga verticalmente até o sétimo pavimento (caixa cênica), formando um vazio que abriga toda engrenagem técnica de cenários, iluminação, som, etc. Como apoio ao palco, também foram previstas duas salas de espera para artistas e sanitário masculino e feminino.

No terceiro pavimento, encontra-se quatro camarins individuais, com sanitário, uma sala de controle de luz e dois camarins coletivos, com dois sanitários (masculino e feminino). Os espaços do quarto pavimento são os seguintes: uma sala de “costura passada”, uma sala de guarda-roupa, duas salas de ensaios, sala de maquiagem, e quatro sanitários (dois masculinos e dois femininos).

O quinto pavimento possui basicamente duas salas de arte dramática, além dos núcleos de circulação vertical. No sexto e sétimo pavimento, foram posicionadas uma sala de confecções de cenários, uma sala de confecções de cartazes e dois sanitários. Por fim, acima do sétimo pavimento, setoriza-se uma área técnica com reservatórios de água, casa de máquinas dos elevadores e a estrutura de cobertura.

Entre o projeto concebido e a execução, ocorrem diversas modificações, sejam por motivos financeiros, técnicos ou programáticos, que influenciam no resultado arquitetônico. Além disso, ao longo da sua vida útil, os edifícios sofrem diversas modificações inadequadas, com fim de resolver novas necessidades. Escolheu-se analisar o projeto original para entender o processo de concepção projetual, assim como as intenções que permearam seu desenvolvimento. Porém, para concluir a análise espacial interna, faremos observações em relação às modificações que ocorreram no TMSC.

Observamos diferenças entre o projeto original e sua execução, como, por exemplo, a circulação pública do primeiro pavimento do “Bloco B”. Esse aspecto revela uma intenção projetual de conectar às duas ruas paralelas, através da permeabilidade do edifício. Porém, essa circulação tornou-se interna ao edifício. Observam-se também, que neste mesmo bloco, foram executados apenas cinco, dos sete pavimentos previstos no projeto original. Também houve modificações na cobertura e nos reservatórios acima do último pavimento. Observa-se também algumas alterações na cobertura do edifício. A laje plana do “bloco A”, que seria uma varanda aberta para os artistas e funcionários, transformou-se em uma área técnica para condensadores. Os dois reservatórios de água que estariam localizados nas extremidades do “bloco B”, em laje plana, não foram executadas.

Em 1975 ocorreu a primeira reforma, onde foi construído o Mini Teatro Paulo Pontes, com capacidade para 80 lugares e uma série de modificações internas. Alguns anos depois, em 1988, ocorre umas das reformas mais invasivas, pelo impacto das modificações: troca de revestimentos, traçado paisagístico, modernização de equipamentos técnicos (som, iluminação, acústica, mobiliário, ar condicionado e equipamentos de palco), inserção de peles de vidro, etc. A última reforma, entre 2009 e 2011, ocorreu principalmente nos espaços internos do teatro. Houve troca de forro, novas instalações de ar-condicionado e do sistema elétrico e hidráulico; tratamento acústico e troca de poltronas. Além disso, teve-se a instalação de combate a incêndio, entre outras modificações.

Nessa última reforma, também foi alterado o acesso principal do edifício. Originalmente foram executadas duas rampas em cada lateral, que funcionavam tanto como acessibilidade, como saída de emergência. As mesmas foram demolidas na reforma de 1988, e construídas duas escadas laterais para saída de emergência, e na entrada principal, foram construídas duas rampas.

## DIMENSÃO TECTÔNICA

### *Estrutura de suporte*

A estrutura de suporte (superestrutura) do TMSC é composta por vigas, pilares e lajes de concreto moldadas em loco. A vedação é de alvenaria convencional independente da (superestrutura). Também foi utilizado laje de concreto em balanço inclinada que funciona como uma marquise de entrada ao edifício. Sua estrutura é sistemática, por apresentar uma trama ordenadora, e assintomática, por não ter sua estrutura aparente, apesar de ser percebida por meio da sua forma e dimensionamento dos vãos.

### *Peles*

As peles do TMSC foram sendo alteradas ao longo dos anos. Isso ocorreu principalmente porque a obra não foi concluída na sua inauguração, acarretando um processo longo de reformas e implementações de componentes construtivos. As esquadrias externas são predominantemente de vidro com caixilhos metálicos, e internamente de madeira. No “bloco A” existem poucas esquadrias, limitando-se à porta de entrada e as de emergência nas laterais. Além daqueles presentes no jardim terraço e as janelas laterais, que iluminam os banheiros e os patamares das escadas. No “bloco B” foram acrescentados na reforma da década de 1980 duas grandes esquadrias de vidro e caixilhos metálicos nas fachadas leste, sobrepostas em todos os pavimentos. Também foram implantados dois painéis

em brises metálicos verticais que sobrepõem as laterais das fachadas oeste, protegendo as esquadrias da insolação direta (Figura 9).

Figura 9. Peles do Teatro Municipal Severino Cabral.



Fonte: Autor, 2019.

### Cobertura

A cobertura foi solucionada adotando-se duas categorias de sistemas: o “bloco A”, de forma trapezoidal, a inclinação para o leste é toda em laje impermeabilizada revestida com mármore, fazendo parte da composição principal do volume. No caimento inverso, do mesmo volume, tem-se a aplicação de telhas em fibrocimento, já que não foi planejado para ser vista, principalmente pelos usuários externos ao edifício. Neste último caso, existe uma pequena platibanda lateral que não permite que o telhado seja visto na altura do observador que circunda o edifício. Por fim, a coberta do “bloco B”, diferente do projeto original, foi solucionada por uma coberta com quatro caimentos em telha fibrocimento, com estrutura em madeira, sendo possível observá-la estando no último pavimento, e os fechamentos laterais foram feitos com uma estrutura metálica onde foram fixas chapas metálicas que funcionam como platibanda. A única solução observada em relação ao conforto ambiental referente ao sistema de cobertura adotado, foi a marquise de entrada, que cria um espaço protegido contra intempéries para as pessoas que estejam circulando pelo local (Figura 10).

Figura 10. Coberta do Teatro Municipal Severino Cabral.



Fonte: Autor, 2019.

### *Detalhes construtivos existentes na obra*

Ao longo do trabalho já foram apresentados alguns detalhes construtivos do TMS, como, por exemplo, os brises, esquadrias e marquise. Na Figura 11, composta por seis imagens, observa-se o detalhe da esquadria presente na fachada norte, localizada no terraço jardim, em forma de fita. Este elemento corta o encontro entre dois planos da forma trapezoidal. A associação dessas esquadrias pode ser percebida nas fachadas norte e sul, criando recortes que dinamizam a forma. As demais imagens trazem alguns detalhes de encontros e acabamentos. Como a estrutura metálica de suporte das esquadrias de vidro da fachada leste, no “bloco B”; o encontro da laje inclinada com as paredes do terraço jardim; o mezanino com jardim no foyer, presente entre o 2.º e o 3.º pavimento do “bloco A”; e um detalhe do banco em concreto presente também no terraço jardim.

Figura 11. Detalhes construtivos.

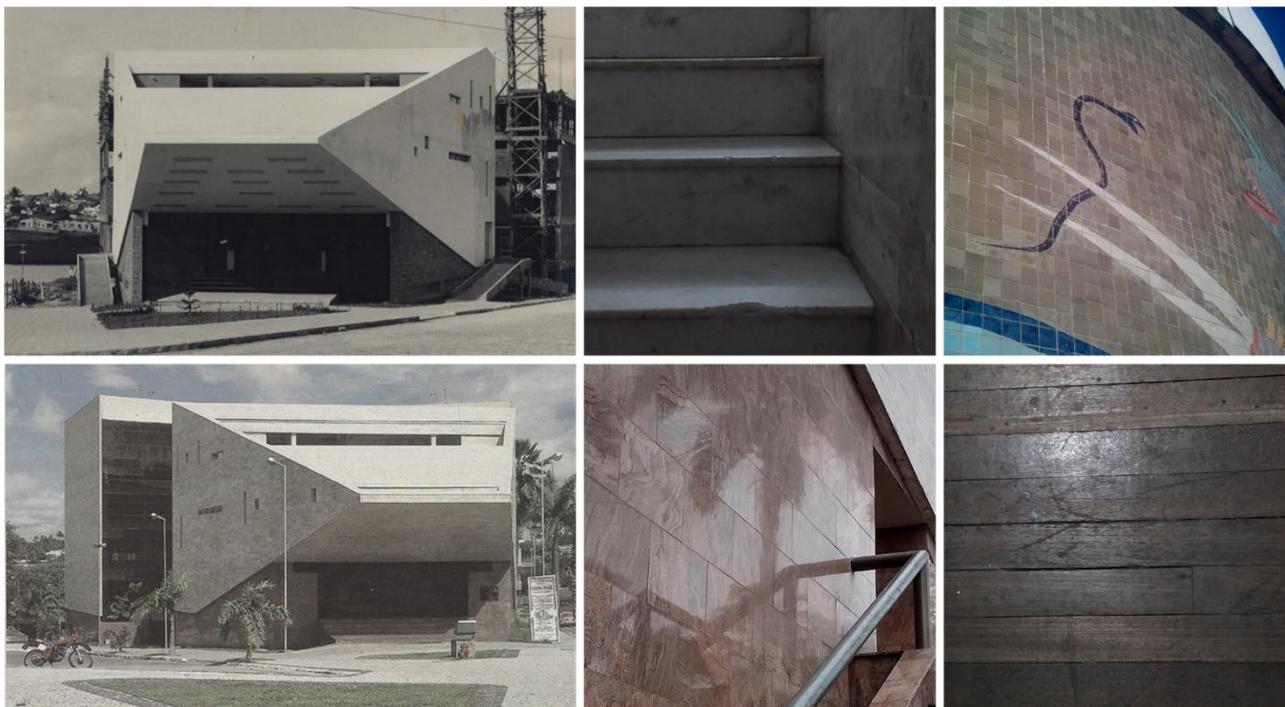


Fonte: Autor, 2019.

### *Revestimentos e texturas plasticidade e cromatismo material*

Observando as transformações do teatro entre os anos 1963 e em 1988, no aspecto cromático, percebemos que os tons de cinza dos revestimentos em pedra e concreto foram substituídos por Granito Terracota e mármore Bege Bahia. Na fachada oeste encontra-se um painel de azulejo com tons terrosos, azuis e bege. As áreas de circulação do “bloco A”, que compreende o foyer (2.º pavimento), o mezanino (3.º pavimento) e o terraço jardim (3.º pavimento), possuem paredes revestidas com mármore Bege Bahia. As escadas e os pisos do 2.º e 3.º pavimento são revestidos com mármore branco. O piso do palco principal é revestido com tábuas de madeira, enquanto que a plateia possui piso em carpete. O piso dos demais ambientes são em azulejo de tons terracota, como na fachada oeste.

Figura 12. Revestimentos e texturas.



Fonte: Autor, 2019.

## DIMENSÃO FUNCIONAL

Em sua concepção original, o TMSC tinha um programa de necessidades moderno e progressista para a época, principalmente por estar localizado em uma cidade no interior do nordeste. Além dos espaços comuns para o funcionamento de um teatro, até então, como, por exemplo, foyer, plateia, palco e camarins, o TMSC abrangia usos complementares, como bar, restaurante, mirante, salas de aulas e ensaios, entre outros. Alguns ambientes foram reconfigurados, como, o restaurante que se transformou em uma sala de ensaios, e o bar que parou de funcionar por diversas questões administrativas. Ao longo dos anos algumas funções foram sendo adaptadas e alteradas para novas necessidades, como, o banheiro acessível (em baixo da escada), sala técnica de iluminação, biblioteca, espaço de exposição e uma sala de apresentação menor — o Mini Teatro Paulo Pontes. No projeto original era previsto um estacionamento na parte posterior do edifício, estabelecendo um recuo em relação aos outros lotes. Esse recuo favorecia a permeabilidade visual do mesmo. Por algum motivo político/administrativo, algumas construções foram feitas nesse recuo, prejudicando a visibilidade do edifício. Ao longo dos anos também houve reformas no desenho urbano do seu entorno, sendo acrescentado um estacionamento aberto na lateral sul do edifício. Observa-se então, que enquanto teatro, sua função principal nunca foi alterada. Mas ocorreram algumas adaptações e alterações em espaços complementares, segundo as necessidades administrativas e de funcionamento.

## DIMENSÃO FORMAL

A dimensão formal trata-se da construção da forma e do espaço, e segundo MONTANER (2002), está relacionada a valores estéticos, culturais e sociais. Observam-se as relações da estrutura formal do TMSC, com os materiais empregados, sua função, a relação com o lugar e princípios da linguagem formal da modernidade arquitetônica. Segundo AFONSO (2013), esses princípios consistem no volume e jogo dinâmico a partir de planos, tendência à abstração e à simplificação, malhas estruturantes, formas dinâmicas, e ausência de decoração, como pode-se observar no resultado formal do objeto analisado. O terreno foi um dos condicionantes que influenciou na concepção da forma do teatro. O terreno triangular e com topografia em declive, possibilitou a setorização da plateia, seguindo o relevo natural, e a resolução do programa em dois volumes principais. O primeiro volume trapezoidal, com uma base recuadas, proporcionando uma sensação de leveza e apoio. Além disso, existem algumas subtrações das esquadrias e do terraço jardim. O segundo volume, trata-se de uma forma retangular levemente curvada.

## DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A dimensão da conservação baseia-se nas considerações de Lichtenstein (1986). O processo de análise foi adaptado aos recursos disponíveis, não sendo utilizado nenhum método mais avançadas com uso de instrumentos específicos ou ensaios laboratoriais. Dessa forma, a análise da conservação baseia-se em experiências empíricas. Para coleta de informações, ocorreram algumas vistorias in loco, onde ocorreram registros fotográficos e permitiu a observação do edifício (Figura 13). Também foram feitas pesquisas referentes ao histórico do TMS, buscando compreender as modificações ocorridas. Em seguida, buscou-se compreender essa problemática, a partir de diagnósticos da situação atual, entendendo os porquês e como segundo com cada dano encontrado (Figura 14). Posteriormente foram definidas condutas de conservação. Esse processo resultou na produção de treze Fichas de Identificação de Danos (FID's) e seis Mapas de Danos, com adaptações da metodologia proposta por Tinoco (2009). Vandalismo, que é um dano muito comum na contemporaneidade, por ação antrópica<sup>3</sup>, como, por exemplo, pichação, onde foi recomendado, como conduta, a limpeza completa das peças afetadas, conforme técnica indicada por especialistas. Perda de material e crosta negra é um dano presente em todas as fachadas do edifício, principalmente nas peças de mármore Bege Bahia, que ocorre devido o contato direto com a água da chuva, acúmulo de poeira, poluição e falta de limpeza periódica. Nesse caso, sugere-se a limpeza de todas as fachadas do edifício, com uma técnica adequada que não danifique a região tratada, também conforme consultoria especializada. A perda de material das fachadas é um dano que pode acarretar perigo para as pessoas que utilizam o espaço, ou até mesmo, os que circulam pelos passeios públicos adjacentes ao TMS. Constataram-se alguns pontos onde as peças de mármore do revestimento externo estão soltando.

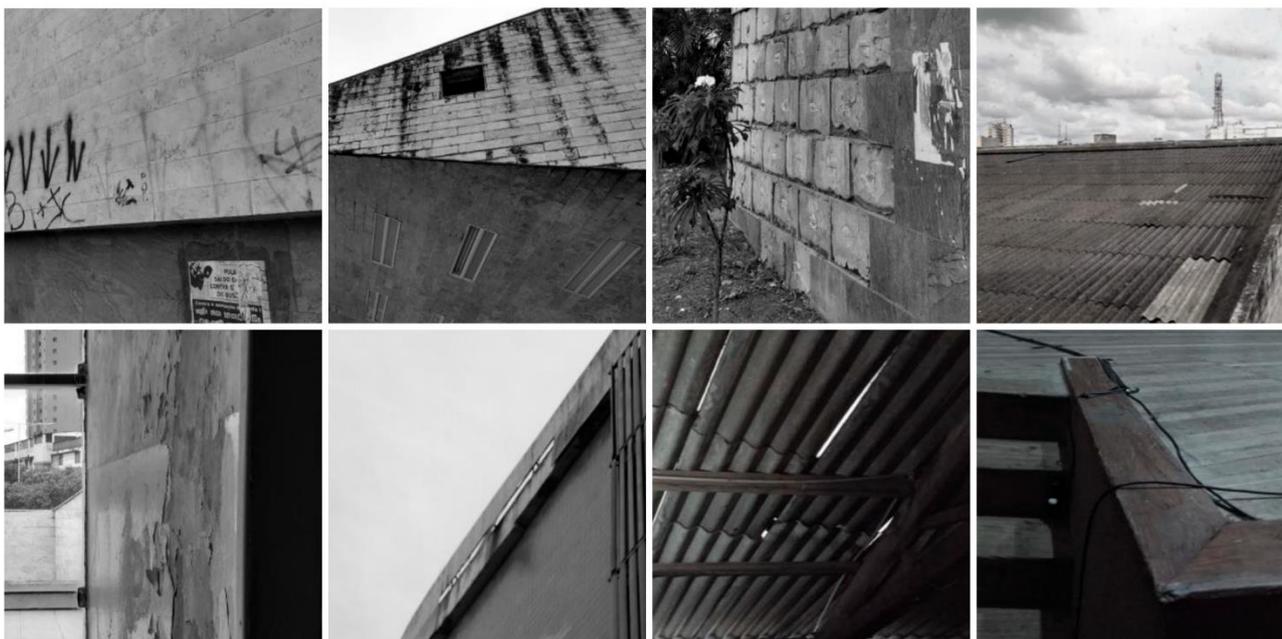
Figura 13. Patologias da construção.



Fonte: Autor, 2019.

Nesses casos, de perda de material, recomenda-se a reposição dessas peças, segundo disponibilidade de material e análise mais profunda dos fatores que acarretam tal situação. Em caso extremo é necessário realizar um laudo técnico mais detalhado para observar se é necessário atitudes mais invasivas, como, por exemplo, a remoção das peças para tratamento específico, e posterior reposição. Também foram catalogados os seguintes danos: perda de peças na platibanda e deslocamento de telhas no “bloco B”; crosta negra e sujidade em toda a cobertura do “bloco A”; esfoliação no piso do palco principal de madeira e presença de ferrugem nas esquadrias. Por fim, gerou-se um quadro do estado de conservação (Figura 15), onde foi indicado a situação de cada componente da edificação nas seguintes categorias: estrutura, cobertura, revestimentos e esquadrias. Sendo classificadas entre: bom, regular e ruim em relação ao próprio edifício como um todo. Também foi observado outros danos que não foram catalogados, como, por exemplo, uma série de destacamentos e trincas nos pisos.

Figura 14. Catalogação de danos.



Fonte: Autor, 2019.

Figura 15. Quadro do estado de conservação.

Elementos		Ruim	Regular	Bom	Danos
ESTRUTURA	PILAR (concreto armado)				
	VIGA (concreto armado)				
	LAJE (concreto armado)				
	FUNDAÇÃO				
COBERTURA	ESTRUTURA				
	TELHAS (fibrocimento)				Deslocamento de peças e crosta negra
	CALHAS				Crosta negra e sujidade
REVESTIMENTOS	INTERNO (azulejo, madeira, carpete, mármore)				Perda de material e fissuras
	EXTERNO (mármore)				Crosta negra e perda de material
	FORRO (Gesso)				Infiltração
ESQUADRIAS	JANELAS (ferro e vidro)				
	PORTAS (ferro, vidro e madeira)				Ferrugem
Total		3	3	6	

Fonte: Autor, 2019.

Além disso, existem as edificações construídas nos fundos do TMSC, que se comportam como elementos parasitários, ao danificarem a compreensão do edifício na totalidade, principalmente da fachada oeste, onde existe um painel de azulejo. A inserção do TMSC, ao lado de vias de alto fluxo, também gera abalos ao edifício. Isso acarreta aparecimento de fissuras e potencializa o destacamento dos revestimentos. Reforça-se que os registros dos danos percebidos no TMSC, presentes neste trabalho, ocorreram empiricamente, por observação. Conclui-se que apesar dos diversos danos presentes no TMSC, muitos dos componentes ainda estão em estado de conservação bom. É necessário entender essas degradações para se intervir de modo mais adequado, buscando-se reverter uma curva ascendente de desgaste de seus componentes arquitetônicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz como principal contribuição lembrar, e então, provocar o olhar em direção ao teatro de Geraldino, o teatro de Campina. Esta atitude é extremamente relevante quando as notícias de demolições e descaracterizações são eminentes e constantes. Limitados em nossas ações práticas, somos os responsáveis por guardar esta lembrança e este olhar, observando o patrimônio das nossas cidades, documentando, analisando e discutindo.

As sete dimensões de análise revelam as relações do objeto construído com o seu entorno, com o lugar em que está inserido, e também, com a história, em suas diferentes narrativas. Mas não só isso, as relações normativas, espaciais, formais, de materialidades e de conservação interagem com o resultado da estrutural formal da arquitetura.

É preciso saber ver o teatro, além das dimensões analisadas neste artigo, com um olhar sensível de gestão e conservação, de modo a intervir usando princípios contemporâneos e adequados, de modo a preservar, para essa e as futuras gerações, usufruam do papel social, cultural e artístico inerente ao Teatro Municipal Severino Cabral de Campina Grande-PB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. *O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana do bairro da prata, em Campina Grande*. In: Seminario Internacional de Investigación en urbanismo, 9., 2017, Barcelona. Anais eletrônicos... Barcelona, UPC, 2017, 16 p. Disponível em: [https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN\\_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: jul. 2020.

AFONSO, A. *Proposta metodológica para pesquisa arquitetônica patrimonial*. In: Simpósio Científico do ICOMOS, 3., 2019, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte: ICOMOS, 2019. P. 1-18. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iiisimposioicom osbrasil/>. Acesso em: ago. 2019.

AFONSO, A. *Tectônica da modernidade: desafios para a preservação da arquitetura moderna no nordeste brasileiro*. In: Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, 2., 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte, ICOMOS, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/108yLgsUaACVnaP2zK5EyiGLXjtwTKaoS>. Acesso em: jul. 2020.

AFONSO, A.; GARCIA, M. *Reconhecimento da paisagem moderna da Prata*. Campina Grande. PB. In: Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural Patrimônio e Projeto, 5., 2018, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2018. 20 p.

AFONSO, A.; MENESES, C. *Patologia do patrimônio moderno. O caso do Teatro Municipal Severino Cabral*. Campina Grande - PB. In: Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 4., 2018, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2018. 17 p.

AMARAL, I. *Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar*. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, São Paulo, v. 26, n. 26, p. 148-167, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43644>. Acesso em Jul. 2020.

BARREIROS SILVA, A.C.L. *O Centro Histórico de Porto Velho-Rondônia. Patrimônio (In) Visível da Cidade. Pequenas Concessões ao Passado*. Tese de Doutorado. Niterói UFF, 2015.

FRAMPTON, K. *Studies in tectonics culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.

LICHTENSTEIN, N. *Patologia das construções*. São Paulo: Boletim Técnico N°06/86 da Escola Politécnica da USP, 1986. Disponível em: [http://www.pcc.poli.usp.br/files/text/publications/BT\\_00006.pdf](http://www.pcc.poli.usp.br/files/text/publications/BT_00006.pdf). Acesso em: jul. 2020.

MAHFUZ, E. *Reflexões sobre a construção da forma pertinente*. *Arquitextos*, São Paulo, n. 045.02, fev. 2004. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em: jul. 2020.

MONTANER, J. *As formas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

QUEIROZ, M; ROCHA, F. *Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950*. In: Diniz, Fernando (org.). *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278.

SERRA, G. *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: Edusp, 2006.

TINOCO, J. *Mapa de danos. Recomendações básicas*. Recife: CECI/MDU, 2009.

ZANCHETI, S. *A teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/diego/Downloads/texto\\_discussao\\_58.pdf](file:///C:/Users/diego/Downloads/texto_discussao_58.pdf). Acesso em: jul. 2020.

## NOTAS

<sup>1</sup> Título do TCC: "INTERVENÇÃO ARQUI(TECTÔNICA): ESTUDO PRELIMINAR DE RESTAURO DO TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL EM CAMPINA GRANDE-PB", onde o mesmo desenvolve um estudo preliminar de restauro do Teatro, visando sua preservação e adequação às normas atuais de acessibilidade, assim como, propõe atualizações funcionais, a fim de promover: a) discussão relacionada as necessidades de conservação dos edifícios modernos em Campina Grande-PB, destacando as dificuldades de gestão do patrimônio edificado; b) medidas de conservação, referentes aos danos resultantes dos processos de descaracterização e de patologias construtivas; e, c) refletir sobre processos de intervenção no patrimônio edificado, a partir da compreensão do objeto arquitetônico em suas mais diversas dimensões.

<sup>2</sup> Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada em 1959 através da Lei nº 3.692, com objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região (AFONSO, 2017, pg. 6)

<sup>3</sup> Ação do ser humano sobre o meio ambiente.